

Boletim Internacional

#53
-PT

LE DROIT HUMAIN
INTERNATIONAL



Ordem Maçónica Mista Internacional

LE DROIT HUMAIN



Commission/Committee
Communication



Ilustração – Ir.: Jesús Calle – Federação Colombiana
Fotos – Ia.: Maria da Graça Gomes – Federação Portuguesa

Edição : Comissão de Comunicação
Dezembro 2018

INDEX

- 4** **Prefácio do Grão Mestre da Ordem**
- 5** **A corda com nós**
Ir .-. Alain Sède
Federação Francesa
- 12** **...e eu escuto o bater do coração do compasso...”**
la.-. Catherine-France Borrini
Federação Suíça
- 16** **Feminização de títulos e cargos**
la.-. Gloria Escumel
Federação Canadiana
- 19** **A propósito da Federação Colombiana**
Ir.-. JesúsCalle
Federação Colombiana
- 21** **Irmã Edith Cowan: “guia, filósofa e amiga”**
Ir.-. Ric Thomas
Federação Australiana

Prefácio do Grão Mestre da Ordem

O Boletim Internacional deve ser pensado como um laço entre todos os Irmãos e Irmãs do LE DROIT HUMAIN. Em vez de consagrar cada número a um tema específico, os redatores preferiram regressar ao conceito de origem e propor em cada número vários artigos tratando de temas diversos: simbolismo, filosofia, apresentação de Irmãos e Irmãs que, de uma forma ou de outra, tenham marcado a Ordem ou que desejem partilhar uma experiência de vida especial, etc... Cada número do Boletim permitirá igualmente evidenciar as particularidades das nossas federações ou jurisdições ou ainda das lojas pioneiras.



As federações e jurisdições serão solicitadas a fornecer artigos que estejam dentro deste contexto editorial. De momento, a frequência de edição do Boletim internacional será limitada a dois números por ano. Tentaremos progressivamente aumentar para três ou quatro números anuais. Em paralelo, as «Notícias breves» continuarão obviamente a informar os Irmãos e Irmãs do LE DROIT HUMAIN sobre a vida da Ordem.

LE DROIT HUMAIN é internacional e está presente em mais de cinquenta países. Isto significa que possui uma enorme diversidade, o que implica visões e aproximações por vezes diferentes sobre o processo iniciático. Esta é uma riqueza que convém dar a conhecer melhor e sobretudo partilhar. Deste modo, o Boletim pretende estabelecer elos entre cada membro da Ordem e dar a sua contribuição para reforçar a nossa coesão.

Desejo a cada um de vós uma boa e interessante leitura e envio os meus votos mais fraternos de um Novo Ano rico e feliz.

M .: II.: Ir.: Daniel BOLENS

M.: P.: S.: G.: C.:

Grão Mestre da Ordem

A CORDA COM NÓS

ALAIN SÈDE

Federação Francesa

Todos os símbolos estão no templo

Acontece-me frequentemente em loja, olhar os vários símbolos que nos são propostos para reflexão: tudo se encontra debaixo dos nossos olhos. **"Aqui tudo é símbolo. Procura e encontrarás."** diz o ritual. Poderíamos também dizer, ligeiramente parafraseando Charles Baudelaire no seu poema "Correspondances" (*Les Fleurs du Mal*¹) que:

A Loja é um templo no qual colunas vivas
por vezes emitem palavras confusas.

O homem aproxima-se atravessando florestas de símbolos,
que o observam com olhos familiares.

Num templo, o desenrolar do tapete de loja durante a cerimónia de abertura parece ser um pouco supérfluo. Embora o nosso seja magnífico e tenha requerido muito trabalho de irmãos e irmãs, que o desenharam e construíram, ele apenas reflete (eu até diria que ele replica) todos os elementos em princípio presentes no templo.

Ele é o legado dum tempo no qual os encontros maçónicos ocorriam frequentemente em áreas profanas e o tapete simbolizava o próprio templo (e ele continua a fazê-lo).

Algumas lojas conservam a antiga tradição na qual o tapete era desenhado com giz no chão² ou traçado numa caixa de areia e apagado no final da reunião. Em alguns rituais, o tapete de loja era desenhado da esquerda para a direita durante a cerimónia de abertura da loja e apagado da direita para a esquerda no seu fecho.

1 *"Correspondências", em "Flores do Mal"*

2 *Provável herança da maçonaria operativa*

O desenrolar do tapete de loja (diferente para cada grau do ritual) tem pelo menos o mérito de ser semelhante à colocação de uma partitura musical; como Pierre Mollier³ nos recorda **"como o músico trabalha as suas escalas, o maçom nunca deve parar de trabalhar o seu autêntico alfabeto iniciatório: o corpo simbólico da maçonaria"**. E é preciso reconhecer que, para muitos aprendizes, a descoberta do simbolismo maçónico é uma prova que requer um enorme esforço.

Entre estes símbolos presentes no templo, encontra-se uma corda na parede que segue em altura todo o perímetro do templo com múltiplos nós, exceto na entrada, onde ela pára e cai em duas longas borlas.

Esta CORDA DE NÓS é o objeto da minha breve exposição.

A Cadeia de união, a corda de nós e as suas borlas serrilhadas representam três representações simbólicas próximas, embora diferentes, que são confundidas por muitos maçons e até por autores maçónicos:

A cadeia de união é obviamente a que nós formamos – curta ou longa – no final dos nossos trabalhos. O seu simbolismo é extremamente rico, e recentemente a nossa Irmã Andrée falou-nos dela com grande sensibilidade.

A corda de nós é a que vemos ao longo das paredes do templo com borlas caídas em cada ponta (ou seja, terminações desfiadas) levando a que seja erradamente por vezes chamada borla serrilhada.

A borla serrilhada é o desenho que por vezes é a cercadura do tapete (ainda frequentemente na maçonaria inglesa), de algum modo sacralizando os limites do templo: a separação entre os mundos profano e maçónico. Ela é muitas vezes simbolizada por uma orla de pequenos triângulos alternadamente brancos e pretos, que podem ser interpretados como o antagonismo entre a luz e a sombra. Nesta orla estão marcados os quatro pontos cardeais designados pelos seus nomes antigos: Oriente – Ocidente – Meridião e Setentrião⁴.

O nosso Irmão Roger DACHEZ, num texto datado de 20 de setembro de 1997, pergunta: *"qual poderá ser o significado da expressão borla serrilhada? Nenhum. E, no entanto, esta expressão durante décadas nunca foi questionada!"*.

E o nosso Irmão desenvolve toda uma reflexão sobre a origem deste símbolo vindo de Inglaterra, tal como muitos símbolos maçónicos. Este símbolo era designado *"desde o início do século XVIII, The indented tasse"*⁵. Posteriormente, saltando de

3 Viagens no Tapete de Loja, página 12

4 Em França, pelos seus nomes antigos: Oriente – Ocidente – Meio dia e Setentrião

5 Em inglês no texto

significado em significado, frequentemente devido a traduções ou erros de interpretação, por volta de 1745, acabou por, ainda de acordo com Roger DACHEZ, em dois símbolos paralelos: em França, "*houppe dentelée*", e em Inglaterra "*the indented border*". Eventualmente, por volta de 1760, surgiu uma terceira versão, "*tasselated border*"⁶ - uma orla de triângulos com quatro borlas nos ângulos.

A Corda

As diversas definições dadas a esta palavra ou às expressões que a incluem, estão muito distantes da etimologia grega *Khordê*, que originalmente se referia aos intestinos dos quais eram feitas as cordas antes de se usar o cânhamo. Arriscaria a andar sobre uma **corda bamba**⁷ se quisesse enumerar todas sem me esquecer de nenhuma.

Antes de referir o papel que ela desempenha no simbolismo maçónico, gostaria de sublinhar o seguinte:

- Em muitas civilizações, a corda tem sido objeto de um vasto simbolismo, tal como, por exemplo, a escada, em particular a Escada de Jacob⁸. Ela evoca geralmente a ideia de ligação entre o Céu e a Terra – entre o microcosmo e o macrocosmo – entre o espiritual e o temporal.
- Ela é também um elemento muito frequente em certas ordens religiosas. Por exemplo, os Franciscanos da Ordem dos Frades Menores fundada por S. Francisco de Assis: estes monges eram também chamados *Cordeliers*⁹ em França, e usavam no seu hábito de burel, castanho ou cinzento, uma longa corda, com nós espaçados, que lhes caía quase até aos pés.

Muito próximo da corda, o cordão tem sido usado desde o século IX como um acessório sacerdotal para cingir a alva¹⁰, mas mais especificamente para recordar um simbolismo muito forte: **a castidade**. Não nos esqueçamos que, de acordo com o *Genesis 3.7*, o cinto surgiu com Adão e Eva com a finalidade de evitar a concupiscência: "**Então os olhos de ambos abriram-se e assim tiveram consciência da sua nudez; por essa razão coseram folhas de figueira e fizeram cintos para si**".

É na zona lombar que as paixões supostamente se acendem e só Deus sabe o que existe num homem **pois que ele sonda rins e corações** (*Livro de Salmos 7-10*).

⁶ *Em inglês no texto*

⁷ *Em dificuldade: este termo vem dos funâmbulos do século XVII*

⁸ *Pessoalmente, sempre que tive de usar este meio de elevação em diversos exercícios físicos (especialmente na escola ou na vida militar), pude avaliar, sob o ponto de vista prático, o quanto era difícil elevar-me!*

⁹ *Da palavra "corde", que significa "corda" em francês*

¹⁰ *N.T. Alva – veste que os sacerdotes católicos usam quando celebram*

"Nós cingimos a zona lombar quando reprimimos, pela continência, a luxúria da carne" disse S. Gregório. De algum modo, o cordão é uma proteção contra a tentação, permitindo conservar a castidade, representada pela brancura da alva¹¹.

Esta repressão da sexualidade no clero católico foi muitas vezes denunciada¹². Conhecemos as suas terríveis consequências através, por exemplo, dos inúmeros casos de pedofilia.

A corda de nós é um instrumento de medida muito antigo – a sua origem data de "*tempos ancestrais*" para usar uma expressão bem conhecida, em particular na sua utilização como instrumento de agrimensura. Certamente que a encontramos entre os instrumentos dos *Compagnons*¹³ construtores.

No seu "Tratado de Geometria Meditativa", também intitulado "Do Ponto à Quadratura do Círculo"¹⁴, o nosso irmão (e meu saudoso amigo) Jacques LOUBATIERE demonstra que todas as formas geométricas podem ser desenhadas apenas com uma corda com 12 nós a intervalos iguais e que essa corda tem sido desde há muito tempo um instrumento universal para os construtores. Ele cita alguns exemplos:

- Fixando uma das suas partes e movendo a outra livremente, a corda torna-se um compasso;
- Repartindo os intervalos por três - quatro - cinco, obtém-se um ângulo reto: a corda torna-se um esquadro;
- Para construir um quadrado, é apenas necessário desenhar um ângulo reto e repartir os intervalos da corda três por três, etc.

Além disso, deve também salientar-se que os *compagnons* construtores usaram essencialmente os seus corpos para obterem as referências a partir das quais eram estabelecidas as proporções das suas construções: o polegar (polegada) – o cúbito¹⁵ - o pé - a palma da mão – a régua (equivalente a seis pés).

Olhar a Corda

Depois de estar sentado na minha coluna, observo frequentemente a corda. Vejo, no seu início, os vários fios de cânhamo que a compõem, alguns mais frágeis do que

¹¹ Talvez encontremos aqui a origem da expressão "apertar o cinto", relacionada com privação

¹² Por exemplo, no grande livro "Servidores de Deus" do teólogo e psicanalista Eugene DREWERMANN, publicado em 1993

¹³ N.T. "Compagnons du Devoir" (Companheiros do Dever), é uma corporação francesa de construtores e artesãos que data da Idade Média.

¹⁴ Páginas 68 a 70

¹⁵ Da palavra Latina *cubitus*, cotovelo

outros, de cores diferentes, mais claras para alguns, mais escuras para outros, mas todos unidos numa torção poderosa que forma uma sólida corda.

Várias ideias me ocorrem quando olho para este belo exemplo de tecelagem de diversidades e fragilidades, unidas para constituírem uma ligação forte:

- A delimitação dum espaço consagrado (no sentido não-religioso do termo) que é um espaço fora do tempo e do campo profano. Neste espaço, todos são supostos de terem deixado os seus metais à porta do templo, o que nos é imediatamente recordado pelo ritual. As paixões de todo o tipo não devem entrar aqui: antes de mais nada, deverão estar controladas. No relatório nacional para a Questão Maçónica em 2014, o nosso Irmão François Mognetti recorda-nos: ***"A verdadeira introspeção requer que todos os nossos metais sejam abandonados, a fim de deixar algum espaço para a nossa vulnerabilidade e espaço para a nossa recetividade. Ela é impossível se trancámos e agrilhoámos tudo, se escondemos tudo atrás das nossas poses, preocupações e obrigações. É necessário que saibamos como devemos preparar-nos para escutar o sussurro da luz escondida"***.
- A demarcação dum espaço de trabalho protegido: nada deverá perturbar o trabalho dos irmãos e das irmãs. As condições deverão ser favoráveis para trabalhar em serenidade, a fim de permitirem a elevação de todos em direção ao ideal da fraternidade, para o qual todos assumimos um compromisso, ultrapassando as diferenças de sensibilidade que encontramos nos vários níveis deste processo— metafísico, religioso, filosófico ou social.
- A demarcação dum ambiente livre e acolhedor: a corda não se encontra fechada sobre si própria, ela está pronta a acolher, a abraçar afetuosamente quem quiser juntar-se ao grupo; mas igualmente deixa a possibilidade para quem tomou a estrada errada (ou para aqueles para quem a nossa compreensão fraternal tenha sido insuficiente e, neste caso, não deveremos recear questionarmo-nos coletivamente sobre isso) de tomar uma nova orientação: ela não aprisiona. Ela não é o símbolo dum vínculo de servidão, mas sim de amor. A maçonaria não é uma seita. Ela tenta fazer de cada pessoa um ser livre e não um escravo.

Entrando no templo, podemos imaginar que uma das borlas prefigura uma mão disposta a ajudar, um convite de partilha em fraternidade, enquanto a outra poderia ser um gesto melancólico de adeus para quem não mais veremos ou um gesto de encorajamento ao trabalho para quem tenha escolhido esforçar-se para exprimir fora, através das suas atitudes de cidadania, os valores humanistas da nossa Ordem.

O percurso da corda, é por vezes um pouco sinuoso, tal como a vida com as armadilhas que cada um de nós deverá ultrapassar. Ela é pontuada por vários nós, também chamados nós de amor e que dão origem a desenvolvimentos simbólicos,

filosóficos e religiosos (e também heráldicos), tão numerosos que seria demasiado longo falar de todos.

A forma de um oito destes nós de amor poderia encontrar a sua origem na vontade de Joana de Nápoles que fundou, em 1352, a Ordem do Espírito Santo também chamada a Ordem do Nó, e poderia ser um símbolo de eternidade e de infinito (tal como a cobra OUROBOROS que engole a sua cauda).

Mas os nós de amor da corda evocam especialmente, como um espelho, o entrelaçamento das nossas mãos quando formamos a cadeia de união no final das nossas reuniões, num convite a mantermos *"brilhante e elevada a chama do amor fraterno"* como por vezes se diz.

Conclusão: Reforcemos o que nos une

O LE DROIT HUMAIN foi fundado em 1893, baseado em valores dos quais vale a pena recordar o seu aspeto inovador:

- Ele é, em todo o mundo, a única Obediência internacional real e estruturalmente mista, como recentemente nos recordou o nosso Deputado finlandês Grão Mestre Klaus FRÖSEN, durante uma reunião do Supremo Conselho. Longe de ser uma expressão de auto-satisfação, trata-se de uma realidade notável devido ao carácter visionário dos nossos fundadores.
- A INTERNACIONALIDADE é uma realidade comprovada pela diversidade das instalações em cerca de quarenta países, apesar de algumas dificuldades provocadas por condições políticas, religiosas ou económicas. Cada Federação é autónoma na sua gestão, mas **a governança da Ordem continua global**: existe apenas um Supremo Conselho para todas as federações e jurisdições espalhadas por ambos os hemisférios, para utilizar uma expressão frequentemente utilizada neste contexto.
- A DIVERSIDADE DE GÉNERO é uma componente essencial do DROIT HUMAIN. **Em todo o mundo**, todas as Lojas simbólicas e todas as Lojas de Altos Graus, são mistas. O mesmo se aplica ao Supremo Conselho. Não se trata de uma coabitação na mesma estrutura de lojas masculinas ou lojas mistas. Tanto quanto sei, não existe nenhuma obediência que apresente os mesmos traços. Orgulhemo-nos das características da nossa diversidade de género global.
- Para lá das diferenças culturais, para além das várias formas de implementar o mesmo RITO ESCOCÊS ANTIGO E ACEITE, por vezes igualmente acima da prática de diferentes ritos (herança da história da Ordem), através duma CONSTITUIÇÃO INTERNACIONAL coletivamente elaborada, cada maçom no LE DROIT HUMAIN expressa a vontade de trabalhar na construção dum mundo melhor promovendo "a Liberdade - a Igualdade - a Fraternidade".

Quando formamos a cadeia de união, tenhamos um pensamento para os nossos fundadores, os quais permitiram, ao fundarem o DROIT HUMAIN, a construção além fronteiras, de uma corda de nós muito longa consistindo em múltiplos nós de amor, libertos de barreiras linguísticas e culturais.



...E EU ESCUTO O BATER DO CORAÇÃO DO COMPASSO...

CATHERINE- FRANCE BORRINI
Federação Suíça

Uma tarde, quando era jovem mestre, disse-me um I.º. no decurso dum ágape festivo: «O simbolismo não existe na Franco Maçonaria, são os utensílios que são simbólicos, não é um simbolismo em si, etéreo, intelectual ou mental...O simbólico qualifica o utensílio que serve para trabalhar a matéria.»

Esta observação tem ficado a martelar na minha cabeça durante anos até que eu compreenda a utilização que dela posso fazer no quotidiano da Franco Maçonaria e a sua inquestionável relevância na vivência dos símbolos que nos são propostos.

Aos poucos, já tinha percebido na minha experiência de vida a sua profunda verdade, sem contudo tomar verdadeira consciência das suas implicações na nossa vida de todos os dias.

O simbolismo maçónico: uma vivência a cada segundo da nossa vida profana

A força da Franco Maçonaria, a sua ação vivificante sobre nós mesmos, é consequência das diferentes vivências que são sugeridas pelos seus rituais e pelos seus instrumentos simbólicos.

Os instrumentos que utilizamos todos os dias, ou que pelo menos tentamos fazer, encontram-se no primeiro grau e tomemos como exemplo o fio de prumo. E contudo os instrumentos simbólicos são ocos. Eles são uma bela imagem, sendo até instrumentos palpáveis ou simplesmente visíveis. O seu interior, pelo contrário, é simbolicamente vazio. A sua forma fornece uma direção para uma experiência real de vida ou simplesmente um pensamento. É difícil perceber que uma parede é «bem direita e vertical» com um nível (instrumento do segundo grau). O fio de prumo sugere portanto uma direção para a vida. Ele liga o que está em cima com o que está em baixo.

Ora simbolicamente, sendo o instrumento oco, ele pode ser habitado por todos os maçons do mundo, os espiritualistas proferindo palavras impropriamente laicas, pois a

laicidade também inclui espiritualistas. Não abramos a caixa de Pandora para um debate sobre entendimentos diversos e variados dum conceito ou duma realidade feita para «unir o que está disperso» ou melhor, para «reunir o que frequentemente se encontra disperso».

O simbolismo que se encontra na medula da Franco Maçonaria qualifica os instrumentos e os rituais, tornando-os quase «vazios de sentido» (obviamente que numa dada direção, o fio de prumo não serve para qualificar a horizontalidade). Digamos em vez de «vazios de sentido», com sentidos dispersos, diferenciados, múltiplos... mas aptos a receber a visão interior do mundo de cada um de nós, de todos os maçons do mundo.

Tomemos como exemplo o fio de prumo. Ninguém pode contestar que ele serve para estabelecer a verticalidade dum objeto ou duma construção. Se elevarmos o nosso pensamento poderemos admitir que o fio de prumo simboliza uma certa retidão. Resumidamente, o fio de prumo exprime inúmeras interpretações, desde as mais interiores às mais exteriores. Utilizá-lo para construir uma parede parece exterior(out), utilizá-lo para dizer que ele serve para unir o que nos parece inacessível a nós mesmos, no coração do ser humanos que somos, já é interior (in), apesar da distância que existe, na dimensão espaço-temporal terrestre, entre o que está em cima e o que está em baixo. Obviamente que podemos utilizar uma visão externa do fio de prumo (a construção duma parede) de modo simbólico, mas estamos nesse estágio no segundo grau do simbolismo maçónico. De qualquer modo, o fio de prumo pode designar uma infinidade de realidades interiores e exteriores (in/out) e continuar «fio de prumo», sem modificar a sua forma nem o seu aspeto exterior. Neste sentido, ele é apenas brevemente «oco» porque é recetáculo de qualquer existência humana, de cada maçom que compõe Le Droit Humain e a Franco Maçonaria universal.

Simbolismo e não dogmatismo

Poderemos falar de «Progresso (possível) da Humanidade» nos tempos sombrios que atravessamos, na nossa humanidade afligida por guerras, por combates de todos os géneros e espécies, pela pilhagem da riqueza do mundo, pela degradação efetiva de tudo o que nos rodeia, pela violação dos direitos fundamentais dos seres humanos ou dos seres vivos, sem contar evidentemente com tudo o que de perto ou de longe se encontra ao alcance dos predadores que lamentavelmente somos? Pela pobreza que aumenta inquietantemente e que atinge um grande número de pessoas privadas de trabalho, pelas responsabilidades por vezes demasiado pesadas (famílias monoparentais por exemplo)...

O fio de prumo, para continuar com o exemplo deste instrumento simbólico, pode dar substancialidade à matéria que transmitimos, utilizamos, comemos, despedaçamos, engolimos até à indigestão para alguns, uma substancialidade feita de consciência, de vontade de melhorar, de ajuda efetiva a outrem. Esta substancialidade é vital para a perenidade da Franco Maçonaria e constitui justamente o ponto que nos permite alcançar aquilo a que chamamos simbolismo.

O simbolismo autoriza cada pessoa a incorporar, a «incarnar», a tornar seus os instrumentos que os rituais maçónicos propõem.

Cada pessoa tem uma filosofia de vida que lhe é própria. E no seu conceito do mundo, os rituais maçônicos, os instrumentos simbólicos, podem responder aos desejos de aperfeiçoamento do ser humano que somos. Sejamos conscientes de que os nossos rituais têm uma origem judaico-cristã. Todavia, eles deram um passo imenso para a compreensão do mundo e esse passo define um não reconhecimento do dualismo, como sua primeira virtude. Alguns vivem ainda, como canta Louis Aragonem «A Rosa e a Reseda¹⁶», «Aquele que acreditava no céu, Aquele que não acreditava»... mas ao contrário de uma interpretação dual entre o paraíso e o inferno, o branco imaculado e angélico contra o negro infernal e demoníaco, o instrumento simbólico permanece instrumento simbólico, uno e divisível num bom número de experiências humanas, numa interpretação monista do mundo no qual nós redescobrimos o sentido do UM.

Tudo isto pode parecer um pouco complicado, mas na verdade é muito simples. Nós, maçons, utilizamos os nossos instrumentos para construir paredes de Templos, que permanecem o esboço de templos interiores, da Loja e até da humanidade. Utilizamos os nossos instrumentos no silêncio e não lutamos para ter razão, para estar no branco enquanto o outro, pobre coitado, fica no negro. Nós construímos... O não dogmatismo serve para compreendermos o outro na sua diferença por vezes insuportável, intolerável na nossa pequena consciência bem delimitada pelas nossas próprias experiências, as da infância, da educação, da sociedade a que pertencemos, da experiência dos nossos pais, da nossa família ou da ausência... das provas da vida... Não obstante estas intolerâncias diversas e variadas, continuamos a construir com os nossos instrumentos simbólicos.

E contudo...

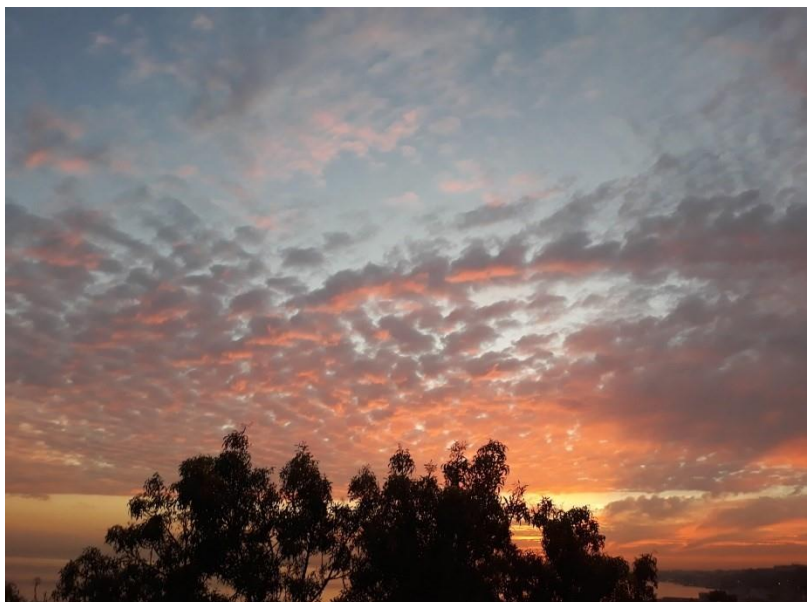
Sejamos nós laicos, muito laicos até, ou pelo contrário, espiritualistas... (lembremo-nos da rosa e da reseda) para todos nós, a Franco Maçonaria continua simbólica e é isso que nos une, pois o simbolismo é a sua base real, indissociável dos nossos métodos de construção. Viver na nossa existência real quotidiana os instrumentos e quase sem palavras, é talvez uma das maneiras mais eficazes de ser não dogmático, aceitando o que o outro pensa e vive na sua liberdade interior, com uma direção nessa vivência, uma direção que tente viver próxima a um Progresso da Humanidade, por pequeno que ele seja.

Recordo-me de velhos maçons muito silenciosos. Num tempo anterior, quando eu era jovem. Como viviam esses maçons os seus instrumentos simbólicos? Certamente não com palavras. Porque se temos necessidade de dizer a nós mesmos, eu tenho de manter-me «nas minhas botas» nesta situação «x» ou «y» e analisar o que quer realmente dizer o fio de prumo, não avançaremos um passo. Se ver física ou mentalmente o fio de prumo for suficiente para sentir a sua verticalidade no nosso espírito ou na nossa coluna vertebral e nos encorajar a ligar o superior ao inferior, a ligar a «boa» resposta a uma dada situação, então teremos uma utilização material e simbólica do fio de prumo.

¹⁶Reseda: planta herbácea de flores aromáticas verde cinza ou verde esbranquiçadas, pertencente à família das Resedáceas. N.T.

Precisaremos de tagarelar sobre os instrumentos, de ler algumas páginas na internet sobre um dito instrumento para desse modo sermos capazes de obter um micro milionésimo de progresso interior? O pior dos dualismos é aquele que separa o espírito da matéria, pois frequentemente procedemos de acordo com ditames. Encontrar intelectualmente uma boa solução e aplicá-la a toda a gente, não é este o princípio dos estereótipos de todos os géneros aos quais nos apegamos?...

E se para construir nós escolhemos utilizar os nossos instrumentos, contra ventos e tempestades... não veríamos despontar no horizonte a construção duma humanidade ... em progresso... e que escuta «o bater do coração do compasso»?



FEMINIZAÇÃO DE TÍTULOS E CARGOS

GLÓRIA ESCOMEL

Federação Canadiana

A Federação Canadiana começou a feminizar títulos e cargos nos anos 1991-1992, dado que o Canadá foi o primeiro país de língua francesa a fazê-lo. A partir de 1979, o Diário Oficial do Quebec, aconselhado pelo Gabinete da Língua Francesa do Quebec, pediu às administrações governamentais que feminizassem os nomes dos ofícios. Seguiram-se os títulos e os cargos profissionais e atualmente a nível do governo provincial e federal qualquer nome de título, ofício e função é feminizado. O mesmo se passa em todo o Canadá de língua francesa, em todos os ministérios, organismos governamentais e municipais; nas grandes empresas, em conselhos municipais, nas universidades, etc. Para nós, esta feminização não só tem um valor significativo como é também uma obrigação, pois tem força de lei.

Além disso, no início do Le Droit Humain, os títulos e os cargos maçónicos eram feminizados, o que era lógico pois a nossa Obediência foi a primeira a iniciar mulheres com o mesmo ritual usado para iniciar os homens. Foi assim que Marie Georges Martin foi Grande Mestra. Quando se fundaram os Altos Graus, dizia-se Chevalières Rosa Cruz, Chevalières Kadosh e Grandes Inspectoras Gerais sem que isso escandalizasse ninguém. Desde quando a masculinização segue os imperativos da Academia Francesa?

O que "não é chamado não existe" dizia Ihlan Berk. "Na filosofia moderna da linguagem, não há definição de pensamento independentemente da linguagem. O pensamento ocorre com a linguagem" Esta ideia domina as teorias linguísticas e sociolinguísticas do século XX até aos nossos dias. Em "Crátilo" de Platão já havia essa ideia, retomada depois por Lacan e por muitos outros filósofos e feministas que reivindicam a feminização de títulos e cargos.

Porquê ignorar todos estes estudos que desde a década de 1960 mostram que a rejeição de títulos femininos esconde os cargos de prestígio que as mulheres ocupam cada vez mais no seio dos governos, organizações como a ONU ou a UNESCO, etc.? Todos esses estudos demonstram que esconder um título feminino tem como objetivo silenciar as competências das mulheres. A feminização não é uma questão gramatical, mas sim sociológica.

Se tem sido fácil feminizar os nomes das profissões (aviadora, mecânica, canalizadora, etc.), a feroz resistência à feminização dos títulos de maior prestígio demonstra, na realidade, uma resistência a conceder poder às mulheres, que devem usar o título masculino para exercer cargos ministeriais, médicos, tecnológicos e outros.

O Canadá tomou em consideração estas realidades para feminizar os títulos e as funções profissionais. E como a Federação Canadiana deve seguir as leis do país (tivemos que modificar ou revogar certos artigos dos nossos regulamentos, tais como a exigência do documento de registo judicial virgem), a adoção da feminização apoia-se na Carta de Direitos e Liberdades do Quebec.

Esta lei aplica-se não apenas às relações entre cidadãos e o Estado, mas também a indivíduos, grupos e organizações privadas.

Por meio do preâmbulo e dos artigos 4 e 10, a Carta de Direitos e Liberdades do Quebec considera que o fundamento da justiça, da liberdade e da paz requer o respeito pela dignidade do ser humano e a aplicação da igualdade entre homens e mulheres. Defendemos que essa igualdade inclui, em todas as circunstâncias, o reconhecimento e o respeito da expressão de género.

Esta particularidade é essencial se quisermos continuar a desenvolvermo-nos no nosso país de acordo com os seus usos sociais.

Escolher a gramática em vez do direito das mulheres é uma escolha que parece incompatível com as Declarações da Constituição Internacional. Na Maçonaria tudo é símbolo e não reconhecer a força simbólica da linguagem, o seu poder de criação ou de ocultação, parece-nos contraditório.

Compreendemos que outras culturas dentro da Ordem possam ter uma visão diferente sobre este assunto e respeitamo-lo. Mas parece estranho que falemos do Orador e não da Oradora, do Vigilante e não da Vigilante, do Experto e não da Experta. Nota-se uma particular resistência à feminização de Mestre, o termo de Maitresse (Mestra) tem uma conotação particular nos países europeus de língua francesa (amante), que desapareceu no Quebec, onde se fala de "sa blonde" (sua loira, sua namorada, sua mulher) - seja ela ruiva ou morena. Por exemplo, como diz a música: "Ao lado da minha loira, é bom dormir ..." (canção popular francesa). Por outro lado, é fácil dizer "maitresse d'oeuvre" ("Mestra de obras") e não apenas "maîtresse d'école" (professora primária). Com efeito, entendemos que há resistência em assimilar um termo que designa uma profissão infantilizante ou de posição subalterna, a amante não possui as mesmas prerrogativas que a esposa, mas tudo é uma questão de conotação e de cultura. Compreendemos que estes não são os mesmos em todos os países.

Em francês certas feminizações levantam problemas linguísticos, tornando-se necessário recorrer a neologismos, como professeure, auteure, plombière (professora, autora, canalizadora) como é o caso no Quebec. Ou recorrer a velhos termos esquecidos como "autrice, commanderesse, doctoresse" Estes termos incomodam? Mas porquê? Por falta de hábito, apenas. Os costumes criam-se e assimilam-se rapidamente.

A primeira vez que se ouve: "TrèsPuissante Grande Commanderesse" estranha-se. Seria melhor dizermos "commandeure"? Mas já falámos de "puissante" (poderosa)...Porque é que uma mulher não o poderá ser? Aqui, mais uma vez os preconceitos existem. Em certas línguas como o espanhol utiliza-se o neutro "comandante" para ambos os géneros, (a comandante e o comandante). Noutras ocasiões o "a" do género feminino substitui o "o" do masculino, enquanto que em francês é necessário recorrer a neologismos ou arcaísmos. Porque não aceitar a mudança?

Respeitar o género feminino dos títulos e dos cargos não invalida de maneira alguma a qualidade iniciática dos nossos trabalhos, uma vez que tanto o espírito como a letra da Constituição Internacional são respeitados.



A PROPÓSITO DA FEDERAÇÃO COLOMBIANA

JESÚS CALLE

Federação Colombiana

A pedido do Grão-Mestre, gostaria de compartilhar convosco algumas peculiaridades da minha Federação.

Passaram-se muitos anos desde que criámos a Resp.: Loja nº 623 “J.B”ACUÑA” a Or.:de Bogotá, Loja pioneira que foi o ponto de partida de uma longa história no processo de criação da Federação Colombiana OMMI LE DROIT HUMAIN no nosso território.

Um processo de muitos anos, rico em experiências e aprendizagens, que nos permite hoje, no nosso contexto cultural latino-americano, falar com segurança sobre como abordar o trabalho para fundar uma maçonaria humanista e revolucionária, herança dos nossos fundadores Georges Martin e María Deraismes; trabalho cujas raízes se consolidam pouco a pouco no território americano, um projeto que compartilhamos hoje com todos os Ilr.:elala.: da Ordem nos cinco continentes.

A Federação Colombiana conta neste momento com 167 membros, todos reunidos em treze (13) Lojas Simbólicas e dois (2) Triângulos no departamento do Atlântico, região do caribe colombiano; duas (2) Lojas de Perfeição, uma a Or.:de Bogotá e a segunda a Or.: de Pereira, Centro Oeste do país; um Soberano Capítulo Rosa Cruz y um Sublime Areópago. Atualmente, trabalhamos na criação do Consistório e, assim, passo a passo como os aprendizes, completamos todas as estruturas da Federação.

A Colômbia é um país muito vasto (quatro vezes a França), muito diversificado, composto por regiões, vales, rios e montanhas. Três grandes cordilheiras cruzam o país do sul ao norte, pertencendo ao sistema montanhoso que forma a grande Cordilheira dos Andes, que nasce no extremo sul do continente, entre o Chile e a Argentina, e que constitui a maior cadeia de montanhas do mundo.

Esta particularidade, associada à grande cosmogonia de mitos e lendas ancestrais e à herança cultural pré-colombiana, dá-nos um caráter particular, muito diferente do que foi divulgado na Europa do Século das Luzes entre os séculos XVIIº e XIXº.

Foi neste território mágico, cheio de lendas e mitos, que nasceu a Federação Colombiana OMMI LE DROIT HUMAIN. O Acender das Luzes foi presidido M.:P.:S.:G.:C.:., G.: M :., a M.:III.:Ia.: Danielle Juette a 12 de março 2012. Desde então, aprendemos (e continuamos a aprender) a difícil tarefa de manter viva a Luz trazida pelos MM :.IIII :.,GGG :., do Conselho Supremo que souberam plantar a semente da Ordem na nossa Federação.

Olhando para trás, para os progressos realizados, só posso expressar reconhecimento e gratidão à Federação Francesa pelo seu "patrocínio" nesta criação, pelo apoio que recebemos na construção da Jurisdição e, acima de tudo, por nos ter ensinado a iniciar uma «maçonaria em ação» que sai do Templo para ir ao encontro da sociedade, honrando os objetivos dos nossos fundadores, Georges Martin e Maria Deraismes; como trabalhar com crianças em projetos solidários, na construção de um processo de paz e na busca da justiça social. O trabalho conjunto de todos os Ilr.:elala.: que nos acompanharam nesta longa caminhada e mais particularmente a "geminção" entre a Resp.: Loja N°1623 «La Sérénité» a Or.:de Vitry-le-François e a Resp :. Loja N°1796 « EstrelladelSur » a Or.: de Pereira, que possibilitou a criação, em 2002 (E: .V :.), de uma instituição dedicada à infância em situação de dificuldade social, a Fundação Infâncias 2/32 França – Colômbia. Este é um claro exemplo do internacionalismo da OMMI Le DROIT HUMAIN, exemplo de trabalho que é hoje seguido por várias lojas da Federação Colombiana.

Na Colômbia, queremos que a OMMI LE DROIT HUMAIN se consolide como uma maçonaria humanista, secular, moderna e liberal, consciente e preocupada com os problemas que afligem a nossa sociedade (violência, corrupção, individualismo, fanatismo); respeitosa da tradição como uma fonte inspiradora de valores humanistas; uma maçonaria que nos projete no futuro com fé na humanidade e capaz de encontrar os caminhos que nos permitirão viver em fraternidade.

Esperamos ser criativos e trabalhar juntos para resolver os graves problemas que afetam a situação das mulheres e das crianças, como a violência, a discriminação e a ineficiência do sistema judicial para garantir os seus direitos.

O trabalho apenas começou! Estou certo que, com o acompanhamento, o exemplo e os bons ensinamentos recebidos neste Templo simbólico, no Zenith de nossa Ordem, acompanhados por todos os MM :.IIIIII :.Ilr :.elala.:, poderemos continuar a avançar na consolidação das colunas, não apenas na Federação Colombiana, mas também na implantação da OMMI em toda a América Latina.



IRMÃ EDITH COWAN :

« GUIA, FILÓSOFA E AMIGA »

Ric Thomas

Federação Australiana

A Ordem Maçônica Mista Internacional Le Droit Humain foi fundada num ponto crítico da história social do mundo ocidental moderno. Podem encontrar-se pelo mundo muitas histórias de determinação e coragem de mulheres, as quais, com a Maçonaria por guia, atravessaram fronteiras para territórios desconhecidos servindo de luz guia para muitas outras. Uma destas mulheres foi a Irmã australiana Edith Cowan, que achava que seria inútil combater a misoginia e a discriminação apenas com palavras, mas sim pela ação. Como muitas das suas contemporâneas, a sua vida ilustra o que pode ser alcançado



quando a Maçonaria é aplicada ao desenvolvimento pessoal e ao progresso da humanidade. Ela foi uma mulher notável, que contribuiu significativamente para melhorar

a vida das cidadãs australianas e cujo legado continua até hoje.
Irmã Edith Cowan¹⁴

Biografia

Edith Dircksey Brown nasceu a 2 de agosto de 1861 em Glengarry, perto da cidade costeira de Geraldton na Austrália ocidental. A mãe era professora e o pai um amante da natureza. Após a morte da mãe no seu sexto parto, Edith foi mandada para um colégio interno em Perth. Lamentavelmente, o pai tornou-se alcoólico, o que o fez tornar-se violento e mais tarde atingir mortalmente a tiro a sua segunda esposa. Preso e acusado, foi condenado à morte por enforcamento. Assim, aos 15 anos de idade, órfã de pai e mãe, Edith ficou à guarda de familiares que viviam a 400 km de Perth. Casou aos 18 anos com James Cowan.

A sua vida não foi fácil e provavelmente enfrentou fortes desafios devido ao estigma que a morte da madrasta e o enforcamento do pai representaram, o que a isolou socialmente⁴. “Em 1902, e novamente em 1912, Edith Cowan foi para Inglaterra e para a Suíça a fim de se reabilitar de problemas de saúde, provavelmente esgotamento nervoso ou depressão”.¹ Hoje poderíamos dizer que ela demonstrou grande resiliência e coragem ao ultrapassar esses desafios e traumas de infância.

Ela tinha muita consciência das injustiças sociais e lutou em muitas frentes para fazer-lhes frente. Em grupos vários, em comunidades, na Maçonaria, na Cruz Vermelha, em hospitais, no seu papel de esposa de um magistrado judicial, e mais tarde como a primeira mulher com assento no parlamento, Edith Cowen nunca se afastou dos seus valores humanistas.^{1,2,4}

Foi muito ativa na Igreja Anglicana, tendo sido a primeira mulher membro do Comité Anglicano para as Questões Sociais e membro cooptado do Sínodo a partir de 1923.⁵

Durante a vida de casados, James e Edith residiram na Rua Malcolm, em West Perth, na comunidade costeira de Cottesloe. Edith teve quatro filhas e um filho, e após uma longa e ativa vida nos domínios social, profissional e cívico, faleceu a 9 de Junho de 1932, tendo sobrevivido ao seu marido. Foi sepultada na secção Anglicana do cemitério de Perth.^{1, 2}

Loja St. Cuthbert, Nº 408

Edith foi membro fundador da Loja St Cuthbert, Nº 408. Cinco anos após a criação da primeira Loja do DroitHumain em Melbourne, Victoria, no ano de 1911, constituiu-se o Triângulo St Cuthbert a 12 de agosto de 1916 na casa de MrsOlivia J Farmer na Rua Meadow, em Guildford na Austrália ocidental. A 6 de janeiro de 1917, foi concedida uma Carta provisória à Loja St. Cuthbert, Nº 408, e a 9 de junho de 1917 foi recebida do Supremo Conselho da Co-Maçonaria Internacional Le DroitHumain no Zénite de Paris, uma Licença de Constituição. Após esta formalização, a Loja arrendou umas instalações nas *CommercialUnionChambers* em *St. George'sTerrace* e mais tarde no número 761 da Rua Hay, em Perth ocidental. De 1916 a 1917, trinta Irmãos e Irmãs entraram para a Loja com o Irmão OJ Farmer na cadeira do rei Salomão.⁶

Irmã Edith Cowan

Dos poucos registos existentes da Loja St Cuthbert, Nº 408⁶, sabe-se que aos 55 anos de idade, Edith Cowan pediu para ser aceite na Maçonaria. Foi proposta a 5 de outubro e iniciada a 14 do mesmo mês, passando ao grau de Companheiro a 19 de outubro de 1916, e elevada a Mestre a 1 de janeiro de 1917 (Diploma Nº 1087). O custo da iniciação e de adesão como membro foram os seguintes:

- Subscrição anual 2 Libras e 2 xelins
- Toga 2 Libras
- Avental 1 Libra e 50 xelins

- Ritual 5 xelins e 30 cêntimos (pence)

Estes valores totalizam aproximadamente \$751.88⁷ em Dólares australianos atuais, e embora não seja um valor elevado para uma pessoa na sua situação na vida, certamente ela teria noção de que representava bastante dinheiro para a média das posses femininas, visto que existia uma flagrante desigualdade entre os salários femininos e masculinos, bem como entre as respetivas participações sociais, algo que foi objeto da sua luta. O salário médio semanal de um operário nesta altura era aproximadamente \$232.16 para os homens e \$91.92 para as mulheres^{7,8}.

Os arquivos não desvendam muito sobre a carreira maçónica de Edith, não existindo quaisquer peças de arquitetura ou outros artefactos, tais como o seu Diploma maçónico ou o seu avental, mas existem registos que atestam que ela foi Tesoureira da sua Loja desde 1 de junho de 1918 até 6 de setembro de 1919. Pediu a sua demissão de membro a 30 de maio de 1924, devido às suas múltiplas atividades públicas na comunidade, seguindo-se a interrupção como deputada em março de 1924.^{7,9} Regressou à Loja St. Cuthbert, reafirmando o seu Juramento, a 4 de setembro de 1926, mas demitiu-se novamente a 3 de setembro de 1928. Passou ao Grande Oriente Eterno a 9 de junho de 1932. A maior parte do que sabemos da sua vida encontra-se em registos da sua vida pública.

O seu legado como figura política

Edith Cowan foi de facto uma figura política, embora os homens da sua época dificilmente a descrevessem como tal. Outras descrições referem-na como uma mulher com muito para dizer, mas igualmente como uma mulher que realizou muito trabalho importante.

Toda a sua vida, Edith Cowan trabalhou em prol das mulheres e crianças. Todavia, obter o direito de voto para as mulheres em 1899 foi provavelmente a sua maior obra. Mais tarde, desempenhou um papel importante na constituição de tribunais para crianças, pois acreditava que as crianças não deveriam ser julgadas como adultos. Como membro da Assembleia Legislativa, fez campanha pela educação sexual nas escolas, por infantários para crianças filhas de mulheres trabalhadoras e pelo sindicato das donas de casa. Em 1923, ela lutou pela Lei do Estatuto Legal das Mulheres ('Women's Legal Status Bill'), o qual não apenas permitia que as mulheres pudessem ter uma carreira jurídica, mas abria igualmente a porta para outras profissões.“²

Embora as mulheres tivessem ganho o direito de voto no Estado da Austrália Ocidental em 1899, não lhes era permitido ter assento parlamentar até 1920¹⁰. A nossa querida Irmã teve a honra de ser a primeira mulher a receber o título de deputada a 12 de março de 1921.

Politicamente, ela era uma *Nacionalista*; orgulhosamente não filiada em nenhum partido político, ela vinha numa posição social

Ela demonstrou a necessidade de ter mulheres na vida pública e não apenas da existência desse direito.¹

de riqueza e conservadorismo, mas usou surpreendentemente a condição de deputada no Parlamento para combater o preconceito e a injustiça social. Ela é recordada como uma progressista radical, pelo que, dado o seu eleitorado ser conservador, a sua carreira foi limitada a apenas um mandato.

“A Sra Cowan encontra-se na posição notável de sendo uma conservadora e representando um eleitorado conservador, ter conseguido uma revolução na sua representação no Parlamento' (TheWestralianWorker, 19 de agosto de 1921)”¹

A sua vida foi norteadada pelo pragmatismo, pela ação social e pelo progresso. Ela demonstrou a necessidade de ter mulheres efetivamente na vida pública e não apenas da existência desse direito. “Cowan acreditava no autocontrolo e autodeterminação racionais, sendo conhecida pelo seu severo pragmatismo, o seu intelecto, capacidades, tato, incansável energia e indomável coragem”.¹ Edith é reconhecida pela sua consciência e pela sua contribuição para as questões de justiça social, e obviamente pelo legado que deixou para todos os Australianos.³

A partir de registos parlamentares, sabe-se que, quando o Honorável P. Collier disse

“Admiração política está certa, mas pessoal!” Edith, membro por Perth Ocidental, retorquiu “Eu penso que ninguém tem o direito de colocar-se como "guia, filósofo e amigo"* da comunidade em geral, a não que esteja preparado para enfrentar a crítica e vir abertamente ao Parlamento dizer o que realmente pensa, dando-nos assim a oportunidade de, se acharmos que é certo, elegê-lo como nosso guia, filósofo e amigo. Falo sinceramente sobre este assunto, pois uma das razões por que estou nesta Casa reside no anseio de que eu possa ser de algum modo, guia, filósofa e amiga de outras mulheres”. *11

Do seu primeiro discurso retiramos muito sobre as suas atitudes e sobre a atitude da época:

“Encontro-me hoje aqui na posição única de ser a primeira mulher num Parlamento Australiano. Sei que muitas pessoas pensam que não será a coisa mais sensata enviar uma mulher para o Parlamento, e talvez eu deva recordar aos honoráveis membros que

uma das razões pela qual homens e mulheres consideraram que isso fosse aconselhável, é devido a que sentiram que os homens precisam por vezes de ter mulheres a seu lado que os façam compreender o que pode ser feito pela raça e pelo lar. Eu fui enviada aqui mais por essa razão do que por qualquer outra. As visões de ambos os lados são mais do que nunca necessárias hoje no Parlamento. Se homens e mulheres puderem trabalhar para o Estado lado a lado e representarem as diferentes secções da comunidade e se os membros masculinos desta Casa permitirem a ajuda das mulheres e aceitarem as suas sugestões, não duvido que faremos um muito melhor trabalho para a comunidade do que aquele que tem sido feito até agora.”¹²

** a frase ‘guia filósofo e amigo’ foi retirada do poema de Alexander Pope, Lord Bolingbroke da obra “Na Essay on Man (Um ensaio sobre o Homem),” Epístola IV.*

As contribuições que Edith fez para a qualidade de vida de todos os Australianos, mas especialmente para as mulheres, crianças e pobres, foram notáveis. Proponente de primeira linha do movimento sufragista feminino, ela usou a sua posição social de ser casada com um magistrado para ser co-fundadora de um grande número de organizações, tais como a Sociedade de Proteção das Crianças, a Corporação do Serviço Feminino, o Hospital Memorial do Rei Eduardo para mulheres e o Tribunal das crianças, no qual trabalhou durante 18 anos.⁴

A sua compreensão dos princípios maçónicos estava expressa claramente no seu trabalho. Ela é carinhosamente recordada pela introdução da Lei do Estatuto Legal das Mulheres, que permitiu a entrada das mulheres em várias profissões, nomeadamente a jurídica.² Durante a segunda leitura da lei, o deputado Charles Latham perguntou a Edith:

“Certamente não pretende trazer as mulheres ao nível dos homens?”, ao que a nossa querida irmã replicou cheia de tenacidade e autoconfiança: “Não, eu pretendo elevar os

homens ao nível das mulheres.” E acrescentou: “As mulheres estão desejosas de serem colocadas em níveis totalmente iguais aos dos homens. Pretendemos nem mais nem menos do que isso.” Firme e sucinta.³

Latham: "Certamente não pretende trazer as mulheres ao nível dos homens?"

Cowan: “Não, eu pretendo elevar os homens ao nível das mulheres.”³

Edith foi homenageada por muitas pessoas de muitas maneiras. Entre as mais notáveis homenagens, contam-se a atribuição da Ordem do Império Britânico, o facto de uma notável Universidade da Austrália Ocidental ter o seu nome, e o seu retrato se encontrar na nota australiana de 50 dólares.

Em conclusão, a vida na Austrália daqueles tempos era dura, especialmente para as mulheres. Mulheres como Edith Cowan emergiram com a criação da Ordem Le DroitHumain, demonstrando o que é possível alcançar com vontade firme, perseverança e consciência. A Irmã Cowan ergueu-se acima das trágicas circunstâncias da sua família e da sua juventude, envolvendo-se profundamente no serviço à comunidade de forma positiva e construtiva. A sua resiliência pode dar-nos coragem, a sua vida servir de exemplo do que é possível alcançar, e como Maçom, vemos na sua vida o valor de uma existência bem vivida. Dado que nos aproximamos do aniversário dos 100 anos da sua admissão como a primeira mulher no parlamento australiano, estamos numa boa posição para decidir se ela merece ou não o título de “guia, filósofa e amiga da humanidade”.



A nota australiana de 50 dólares ostentando a figura de Edith Cowan¹³

Referências:

1. Website <http://www.womenaustralia.info/leaders/biogs/WLE0162b.htm>
2. Website <https://www.thefamouspeople.com/profiles/edith-cowan-7227.php>
3. Website <http://www.abc.net.au/radionational/programs/ockhamsrazor/edith-cowan-margaret-jones-life-legacy/7366376>
4. Website <http://adb.anu.edu.au/biography/cowan-edith-dircksey-5791>
5. Website <https://atributetoaustralianchristians.wordpress.com/2010/10/28/edith-cowan/> (acedido em 16/2/2018)
6. Kleyne, NH, 2018 Minutas em arquivo e outros documentos e materiais de Lojas a oriente de Perth. Ordem Oriental da Co-Maçonaria Internacional (anteriormente Lojas do LeDroitHumain). (recebidos a 16/2/2018)
7. Website do Banco da Austrália (2018) <https://www.rba.gov.au/calculator/annualPreDecimal.html> (último acesso a 16/2/2018)
8. Arquivo do Jornal *Trove Online*
9. *Digital* <https://trove.nla.gov.au/newspaper/article/15514184> (último acesso a 16/2/2018)
10. Website Wikipedia https://en.wikipedia.org/wiki/Western_Australian_state_election,_1924 (último acesso a 16/2/2018)

11. Website da Comissão Eleitoral Australiana (Commonwealth Australiana) (2018)
http://www.aec.gov.au/Elections/Australian_Electoral_History/wright.htm (último acesso a 26/02/2018)
12. Phillips, H.C.J. (1996). A voz de Edith Cowan: a primeira mulher australiana com assento no Parlamento em 1921-1924. Churchlands, Austrália: Universidade Edith Cowan (<http://ro.ecu.edu.au/cgi/viewcontent.cgi?article=7821&context=ecuworks>) (acedido a 19/02/2018)
13. Cowan, E, Primeiro discurso no Parlamento (WA) 21/7/1921, Hansard, pp 15-19.
14. Website do Banco da Commonwealth da Austrália (2018)
<https://museum.rba.gov.au/displays/a-complete-series-of-polymer-banknotes/>
(último acesso a 26/02/2018)
15. Website do Museu da Democracia Australiana – Old Parliament House (2018)
<https://www.moadoph.gov.au/blog/professor-marilyn-lake-to-investigate-the-international-history-of-australian-democracy/> (último acesso a 26/02/2018)
fotografia da Biblioteca J. S. Batty, Biblioteca Estadual da Austrália Ocidental.

Agradecimentos:

O autor gostaria de agradecer a assistência e colaboração do Muito Poderoso Grande Comendador e Irmãos Seniores em Perth, da Ordem Internacional Oriental da Co-Maçonaria, pelas suas pesquisas em arquivos e respetiva comunicação ao autor, tornando deste modo possível o presente artigo.

